



PUC-SP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Paulo Henrique Cavalcanti Mendes

MASOQUISMO: UMA ANÁLISE BEHAVIORISTA RADICAL

SÃO PAULO

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Paulo Henrique Cavalcanti Mendes

MASOQUISMO: UMA ANÁLISE BEHAVIORISTA RADICAL
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para a graduação no curso de Psicologia,
sob orientação do Prof. Dr. Daniel de Moraes
Caro

SÃO PAULO

2021

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao Prof. Dr. Daniel de Moraes Caro por sua orientação, ensinamentos e apoio durante todo o ano. Suas pontuações e recomendações foram imprescindíveis e nossas discussões sempre despertavam um novo olhar sobre o tema. Aproveito para agradecer também ao Prof. Dr. Marcos Spector Azoubel que orientou o projeto de pesquisa sobre o qual se desenvolveu este trabalho. Foi a partir de seus conselhos que um tema de interesse pessoal pôde se desenvolver e formar uma pesquisa acadêmica.

Obrigado a todos os professores da graduação e à comunidade da PUC-SP como um todo que construíram o ambiente onde pude me desenvolver como um aluno e ser humano mais consciente e capacitado a agir e promover mudanças. Em especial, a todos os professores que serviram e continuarão servindo de modelo e inspiração para minha trajetória como analista do comportamento. Destaco dois professores que me auxiliaram diretamente nesta pesquisa: o Prof. Dr. Amilcar Rodrigues Fonseca Júnior, meu professor e parecerista, que contribuiu com as recomendações que acabaram sendo as mais relevantes para uma compreensão específica do masoquismo; e o Prof. Dr. Emerson Ferreira da Costa Leite, meu primeiro professor da graduação, que me acompanhou durante todos os anos do curso não só com suas aulas e contribuições para o presente trabalho, mas com discussões que despertaram meu profundo interesse pela abordagem.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer ao meu antigo terapeuta, Marcelo Bella Hanftwurz, com quem pude contar para superar diversos dos obstáculos que encontrei nos últimos anos e que foi minha primeira inspiração para seguir carreira como psicólogo. Também foi quem, junto com a Prof^a. Dr^a. Paula Regina Peron, recomendaram o livro que serviu de material de análise para este trabalho.

RESUMO

MENDES, P. H. C. **Masoquismo: Uma Análise Behaviorista Radical.** Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2022

Objetivo: Este trabalho buscou investigar quais explicações a análise do comportamento poderia oferecer para comportamentos masoquistas e verificar de que forma autores de outras áreas do conhecimento poderiam auxiliar no embasamento dessas explicações. **Método:** Inicialmente, fez uma busca sobre o tema dentro da própria análise do comportamento, mas a escassez de produções nesse campo fez surgir a necessidade de buscas por textos em outras áreas. A psicanálise foi a primeira opção. Entretanto, dois profissionais da área recomendaram recorrer ao livro “Sacher-Masoch: o frio e o cruel” de Gilles Deleuze, filósofo que contribuiu consideravelmente para a psicanálise. A obra apresentava comportamentos verbais e não-verbais do próprio autor, Leopold von Sacher-Masoch, que inspirou o nome da “patologia”. Retirou trechos que apresentassem descrições de comportamentos masoquistas e identificou que contingências poderiam estar envolvidas neles. **Resultados:** Formulou-se hipóteses teoricamente sustentáveis para explicar os comportamentos masoquistas encontrados no livro baseando-se em conceitos e experimentos da análise do comportamento. Quatro classes estímulos foram identificadas e divididas em tópicos dentro dos quais elaborou explicações de como mantinham os comportamentos masoquistas. **Conclusão:** Apontou o masoquismo como resultado de algumas contingências, em sua maioria aversivas, presentes no histórico de vida de Sacher-Masoch, incluindo relações com sua cultura. Sugeriu formas de prevenir e tratar do problema e substituir operantes masoquistas por comportamentos menos danosas para o indivíduo. Por fim, indicou de que forma a utilização de um autor de outra área do conhecimento foi ou não útil para este trabalho.

Palavras-chave: Masoquismo. Análise do comportamento. Autoagressão.

ABSTRACT

MENDES, P. H. C. **Masochism: A Radical Behavior Analysis**, 2022

Objective: This paper aimed to investigate explanations to masochist behaviors for which behavior analysis could offer and verify by which means authors from other fields of knowledge could contribute on basing these explanations. **Method:** Initially, the subject was searched within behavior analysis, but the scarcity of productions made a search for texts in other fields necessary. Psychoanalysis was the first option. However, two practitioners from this field recommended referring to the book “Sacher-Masoch: o frio e o cruel” (English: Masochism: Coldness and Cruelty) by Gilles Deleuze, philosopher that contributed considerably to psychoanalysis. The work presented verbal and non-verbal masochist behaviors of the author Leopold von Sacher-Masoch, which inspired the “pathology’s” name. Parts of the text that showed descriptions of masochist behaviors and the contingencies which might have been involved were identified. **Results:** Theoretically plausible hypotheses were formulated to explain the masochist behaviors found in the book based on concepts and experiments from behavior analysis. Four classes of stimuli were identified and divided into topics where explanations of how masochist behaviors were maintained were elaborated. **Conclusion:** Masochism was pointed as result of some, mostly aversive, contingencies present in Sacher-Masoch’s life history, including relations to his culture. Ways to prevent and treat the problem and replace masochist operants for behaviors less harmful to the individual. Finally, ways in which an author from a different field of knowledge was useful in this paper were indicated.

Keywords: Masochism. Behavior Analysis. Self-aggression.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	Por que investigar o masoquismo?	7
1.2	Masoquismo na Análise do Comportamento	7
1.3	O masoquismo em outras áreas do conhecimento	8
1.4	Por que recorrer a uma outra abordagem?	9
1.5	Definição do problema de pesquisa	10
2	MÉTODO.....	12
2.1	Especificação das informações relevantes	12
2.2	Seleção do material	12
2.3	Levantamento das Informações.....	13
2.4	Tratamento das informações	13
3	RESULTADOS.....	14
3.1	A autoestimulação aversiva.....	14
3.2	Reforçadores sexuais	17
3.3	Dano	20
3.4	Submissão	23
3.5	Prestígio	25
4	CONCLUSÕES.....	27
4.1	Definição de masoquismo	27
4.2	O peso moral do masoquismo	27
4.3	Contingências comuns para o surgimento do masoquismo	28
	REFERÊNCIAS	31
	APÊNDICE	33

1 INTRODUÇÃO

1.1 Por que investigar o masoquismo?

O masoquismo foi escolhido como tema de estudo por se tratar de uma relação que, intrinsecamente, expõe o sujeito a situações que, pela intensidade ou recorrência, pode acarretar lesões fisiológicas e psicológicas graves. Além disso, pode servir como indicador de uma história de vida em que a coerção esteve muito presente e reforçadores positivos, muito ausentes.

Um maior entendimento sobre o funcionamento e origem do comportamento masoquista (em especial em humanos) é relevante na medida em que: 1) aprofunda o estudo sobre os efeitos da coerção; 2) abre caminho para que essa e outras temáticas sejam alvo de mais experimentação; 3) contribui para o surgimento ou aprimoramento de tratamentos psicoterapêuticos; 4) se identificados os contextos comuns que favoreçam seu surgimento, pode abrir caminho para que sejam realizadas intervenções em escala cultural – um dos objetivos da Análise do Comportamento (SKINNER, 1971).

1.2 Masoquismo na Análise do Comportamento

Skinner (1953/2003, p. 91) cita o masoquismo como um caso particular em que um evento pode ser descrito como desagradável, enquanto demonstra-se experimentalmente como reforçador positivo. Ademais usa o termo “autoestimulação masoquista” (SKINNER, 1953/2003, p. 400) quando aborda o conceito de autoestimulação aversiva: um subproduto emocional do controle em que indivíduos passam a apresentar estímulos aversivos para si mesmos. Sugeriu que, para as consequências desse tipo de comportamento, tanto funções reforçadoras negativas quanto positivas poderiam estar presentes. Como qualquer outro comportamento, entende-se que a autoestimulação aversiva não é causada por distúrbios mentais, mas ocorre porque forneceu, ao sujeito que os produz, acesso a algum tipo de consequência vantajosa para si.

O estudo da autoagressão na análise do comportamento esteve muito ligado a estudos com animais ou com pessoas que sofriam de esquizofrenia ou atrasos no desenvolvimento. Pouco foi falado sobre o masoquismo em seu aspecto intrinsecamente sexual. Em contrapartida, outras áreas do conhecimento como a psicanálise e a filosofia possuem uma grande quantidade

de publicações dedicada ao assunto que poderiam ser úteis para desencadear produções em análise do comportamento. Por esse motivo, faremos uma brevíssima incursão nos conhecimentos produzidos em outras áreas do conhecimento para dar maior circunscrição ao fenômeno que será investigado na presente pesquisa.

1.3 O masoquismo em outras áreas do conhecimento

A primeira definição concreta de masoquismo e de diversas outras formas das chamadas perversões sexuais vem do livro *Psychopathia Sexualis* (KRAFFT-EBING, 1886), que o caracterizava como uma satisfação de caráter sexual e patológica: a condição masoquista é aquela em que o prazer erótico é obtido ao ser machucado, restringido ou humilhado. Krafft-Ebing (1886) se inspirou no nome do escritor Leopold von Sacher-Masoch – contemporâneo conhecido por romances marcados por relações sadomasoquistas.

A abordagem desse tema parte de um movimento positivista de normalização médica que, apesar de configurar um possível “reducionismo das paixões eróticas” (PEREIRA, 2009), chamou atenção para um novo campo de estudo. Não só isso mas também foi um primeiro passo para retirar o peso moral dessas que viriam a ser chamadas de perversões ao explicá-las como patologias. Ainda assim, não agradou a Sacher-Masoch ver seu nome caracterizando uma “aberração médica”. Manifestou-se publicamente contra sua utilização, mas de nada adiantou e ele passou a ser mais conhecido pela perversão do que por sua própria obra (Ferraz, 2008).

Foucault (1976/2006) distingue duas formas de saberes a respeito do que é sexual. A primeira, *scientia sexualis*, diz respeito aos saberes relativos ao sexo como forma de reprodução – âmbito em que se encaixam as proposições de Krafft-Ebing (1886). Na segunda, *ars erótica*, o conhecimento seria extraído da própria experiência do prazer sexual e acessado pela confissão (PEREIRA, 2009). A psicanálise acaba por se apropriar desta última forma de investigação em busca da chamada “verdade do sexo” como fonte dos transtornos psicológicos.

Para Freud, a articulação das origens e dinamismos do masoquismo deve ser sempre feita em conjunto com seu par oposto, o sadismo (LAPLANCHE & PONTALIS, 1961). Em Freud (1915/1996), o masoquismo representaria uma inversão do sadismo – agressividade que se dirige a atacar o mundo exterior – para o próprio indivíduo. O masoquista colocaria a si mesmo num lugar de recebimento da agressividade e um estranho no lugar sádico onde estava. Mais adiante em sua obra, acrescenta a ideia de masoquismo primário (FREUD, 1924/1996): o masoquismo representaria a parte da pulsão de morte – tendência humana desintegração e

retorno ao inorgânico – que não foi dirigida ao exterior pela libido e que se manteve no próprio sujeito antes mesmo que o sadismo pudesse retornar sobre ele na forma de outro masoquismo. Ao caracterizar a passividade do masoquismo como parte intrínseca do ser humano, Freud deu mais passo em diminuir o peso moral dessa que era ainda considerada uma patologia (FERRAZ, 2008).

Deleuze (2009), por sua vez, faz críticas a Freud e à psicanálise por destituir o masoquismo (e as produções de Masoch) de sua singularidade e subordiná-lo à uma entidade sadomasoquista única. O masoquismo apresentado por Masoch se traduz como uma forma de desejo e de dessexualização particular: pedagógica, contratual e “suprassensual” (DELEUZE, 2009). Isso seria dizer, respectivamente, que o masoquismo se manifesta através da educação e formação de seu carrasco, de contratos de tortura bem definidos e de forma em que a sexualidade se pretende a superar o prazer “carnal” e atingir um campo exclusivamente ideal através da dor.

De fato, seguindo a influência de Freud, mesmo a psicopatologia classifica o masoquismo como um aspecto do sadomasoquismo. Segundo a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10): “Sadomasoquismo: Uma preferência por atividade sexual que envolve servidão ou a infligência de dor ou humilhação. Se o indivíduo prefere ser o objeto de tal estimulação, isso é chamado masoquismo; se é o executor, sadismo.” (OMS, 1994).

1.4 Por que recorrer a uma outra abordagem?

Segundo Skinner (1953/2003), “o melhor meio de nos desembaraçarmos de qualquer explicação fictícia é examinar os fatos sob os quais elas se baseiam. Geralmente provam ser, ou sugerem, variáveis que são aceitáveis do ponto de vista do método científico.” (p. 312).

A partir disso, entende-se que qualquer tipo de comportamento – neste caso, produções intelectuais sobre masoquismo – esteja sobre controle de estímulos concretos do ambiente do sujeito que o emitiu e pode, portanto, nos fornecer dados com os quais podemos trabalhar. Poderão ser especialmente úteis se apontarem para fenômenos (ou aspectos de um determinado fenômeno) que ainda não nos propusemos ou não tivemos sucesso em investigar.

Ao longo de diversas de suas produções - como “Ciência e Comportamento Humano (1953/2003) e “Sobre o Behaviorismo” (1974/2006) – Skinner fez críticas e elogios acerca dos conceitos apresentados pela psicanálise (especialmente por Freud), muitas vezes partindo das

observações e postulações do autor para introduzir ou elaborar um assunto. Ao caracterizar o pensar científico como “uma disposição de aceitar os fatos mesmo quando eles são opostos aos desejos” (SKINNER, 1953/2003, p. 13), dá crédito a Freud por torná-lo (e a sociedade como um todo) conscientes do poder deturpador dos desejos em “graças a Sigmund Freud, somos hoje muito mais cômicos das deformações que os desejos introduzem no pensar” (SKINNER, 1953/2003, p. 13). Falando da própria autoestimulação aversiva, também retoma o autor em “argumentou-se, Freud particularmente, que os ‘acidentes’ são às vezes uma espécie de autoestimulação aversiva que alivia uma condição de culpa ou pecado” (SKINNER, 1953/2003, p. 399-400).

Parte-se do princípio de que é dever da Análise do Comportamento se expandir e se mostrar, enquanto ciência, capaz de abarcar os mais diversos tipos demandas sociais a respeito do comportamento humano. Refutando, ao mesmo tempo, críticas como a de que apresenta superficialidade temática e metodologia pouco abrangente – especialmente a respeito do caráter interno e privado do comportamento (CARRARA, 2005).

Diante da escassez de produções próprias sobre um determinado tema, retomar o que outros campos de estudo têm a dizer pode servir como um norte a partir do qual novas hipóteses possam ser formuladas e tornarem-se alvos de futura experimentação.

1.5 Definição do problema de pesquisa

Este trabalho começou com a ideia de verificar de que forma contribuições de outras áreas do conhecimento poderiam auxiliar a análise do comportamento em sua própria construção de conhecimento. O tema e abordagem de interesse inicial foram, respectivamente, o masoquismo e a psicanálise. A partir disso, o primeiro passo no desenvolvimento dessa pesquisa foi uma revisão bibliográfica tanto na análise do comportamento quanto em psicanálise em busca de definições e utilizações do termo “masoquismo” em ambos.

Houve uma dificuldade, entretanto, em associar as conceituações psicodinâmicas abstratas com uma abordagem comportamental. Dessa forma, se fez necessário encontrar um material sobre o qual pudessem ser identificados mais claramente quais comportamentos estavam envolvidos no que é chamado de masoquismo. O material escolhido foi o livro “Sacher-Masoch: o frio e o cruel” de Gilles Deleuze (2009) que, ao mesmo tempo que retoma a história e as produções de Sacher-Masoch, faz também uma própria interpretação do masoquismo partindo de Freud. Isso significa que o trabalho não mais se limitou a uma

compreensão de masoquismo exclusiva da psicanálise e passou a considerar os comentários de Deleuze (2009).

O objetivo desse trabalho é, portanto, identificar, a partir das análises apresentados ao longo do livro de Deleuze (1967/2009): 1) quais as contingências envolvidas em comportamentos que foram classificados por Deleuze como masoquistas? 2) como se estabelecem e se mantêm esses operantes? 3) existe alguma razão para distinguir o masoquismo como uma forma particular de autoestimulação aversiva?

2 MÉTODO

O método desta pesquisa foi inspirado pelas considerações metodológicas da tese “Subjetividade e Relações Comportamentais” (TOURINHO, 2006) e será dividido com base nos mesmos tópicos. O tópico “Definição do problema de pesquisa” foi desenvolvido na Introdução e, portanto, não será apresentado no Método.

2.1 Especificação das informações relevantes

A parte dos materiais correspondente à psicanálise deveria conter, em alguma medida, exemplos de comportamentos considerados masoquistas para que contingências pudessem ser identificadas. Em análise do comportamento, um material era considerado relevante se ele utilizava o termo “masoquismo” ao mesmo tempo que oferecia uma explicação ou exemplos formulados a partir de experimentos ou conceituações da abordagem.

2.2 Seleção do material

Uma busca pelo termo “masoquismo” nos bancos de dados “Google Acadêmico” e “Periódicos CAPES” ofereceram poucos resultados que condissessem com os critérios definidos como relevantes. A maior parte dos textos apresentava “masoquismo” como sinônimo de “autolesão” ou “autoagressão” – sem discriminação ao seu caráter sexual. Professores da abordagem (mencionados nos agradecimentos) foram consultados e algumas suas indicações puderam compor uma base do que poderia ser o masoquismo para análise do comportamento: capítulo 24 de Skinner (1953/2003), Capítulos 4 e 5 de Sidman (1989/2009), Azrin & Holz (1966) e Banaco, Zamignani, Martone et al. (2012). Meyer (1988) foi consultada como literatura sobre a autoagressão de forma mais ampla.

Para uma compreensão inicial do masoquismo para a psicanálise freudiana, foram escolhidos os textos do autor referenciados no livro “Vocabulário da psicanálise” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1961) na definição psicanalítica de masoquismo: “Pulsão e suas vicissitudes” (FREUD, 1915/1996), “O problema econômico do masoquismo” (FREUD, 1924/1996). Entretanto, como indicado na introdução, houve dificuldade em encontrar descrições de comportamentos para serem analisadas, por isso, o livro “Sacher-Masoch: o frio e o cruel” de Gilles Deleuze (1967/2009) foi indicado por dois psicanalistas como fonte de

descrições sobre comportamentos masoquistas que inclui comentários sobre a interpretação freudiana de masoquismo e a aprofunda a partir da perspectiva de Deleuze (1967/2009).

2.3 Levantamento das Informações

A partir de uma breve leitura das partes relevantes, os materiais indicados no subtítulo anterior foram fichados. Em seguida, foi feita a leitura do livro de DELEUZE (1967/2009) ao longo do qual comportamentos de Sacher-Masoch que pudessem estar relacionados ao masoquismo foram grifados e posteriormente inseridos em uma tabela na ordem em que apareceram.

2.4 Tratamento das informações

Cada trecho retirado do livro foi classificado pela função (ou funções) mais relevantes inferidas a partir dos estímulos descritos. É importante destacar que os comportamentos coletados não foram descritos pelo autor seguindo o modelo de tríplice contingência. Parte do objetivo deste trabalho foi, justamente, verificar até que ponto outros tipos de linguagem podem ser usados para formular explicações behavioristas radicais teoricamente sustentáveis a respeito de aspectos do ser humano considerados complexos e “fora do alcance dos comportamentalistas”.

3 RESULTADOS

3.1 A autoestimulação aversiva

Leopold von Sacher-Masoch se tornou muito conhecido pelas obras em que retratava homens se sujeitando a diversos tipos de situação em que eram presos, machucados e humilhados. Através dos relatos de pessoas próximas, descobriu-se que o próprio autor se submetia a circunstâncias parecidas em sua própria vida sexual. Machucar, humilhar, restringir fisicamente e ameaçar são formas muito usadas de punição porque geralmente produzem estímulos aversivos para o sujeito com a intenção de fazê-lo parar de se comportar de uma determinada forma.

Estímulos aversivos (ou reforçadores negativos) são definidos por sua característica particular de, mediante sua apresentação, fazer aumentar de probabilidade (reforçar) as ações (respostas) de um organismo que tenham algum sucesso em eliminá-los ou evitá-los (Skinner, 1953/2003). Portanto, espera-se que um homem que esteja sendo chicoteado agirá não somente de forma a cessar o chicoteamento (fuga), mas também acabará evitando situações futuras em que ele possa ser chicoteado novamente (esquiva).

A punição é uma técnica de controle que consiste em agente punidor aplicando castigos ao indivíduo punido a fim de interromper seu comportamento momentâneo e/ou diminuir a probabilidade de que ocorra novamente (Skinner, 1953/2003). Também sabemos que quaisquer estímulos apresentados em conjunto com esses aversivos tenderiam a tornar-se eles mesmo estímulos aversivos condicionados. Ou seja, se um chicote é usado para machucar um indivíduo, tanto o chicote quanto o agente punidor tenderão a ser evitados por ele no futuro.

Curiosamente, ao longo do livro, fica evidente que Sacher-Masoch e seus personagens constantemente provocam situações em que dor e humilhação acabassem sendo produzidas sobre eles mesmos. Ademais, estímulos que acompanhavam os castigos – sapatos, peles, fantasias, o chicote, a face ameaçadora do agente punidor – também eram constantemente buscados. Isso nos indica que, ao contrário do que se poderia esperar, os castigos tinham valor reforçador positivo para ele, ou seja: respostas que produzissem esses estímulos tendiam a aumentar em frequência.

Mas como estímulos que comumente provocariam afastamento poderiam estar funcionando como reforçadores positivos? Um exemplo simples seria o de uma criança que passa a fazer cada vez mais bagunça mesmo que sua mãe lhe dê broncas (Azrin & Holz, 1966).

Nesse exemplo, a mãe está frequentemente ocupada trabalhando e não dá atenção para o menino, mas consistentemente o repreende quando faz baderna. Aqui, o suposto estímulo aversivo “bronca” recebe seu valor reforçador positivo na medida em que é contingente a um outro estímulo reforçador positivo “atenção”, da qual o filho estava privado.

Outro fator relevante é que, tradicionalmente, membros de uma comunidade costumam administrar atenção e cuidado a membros que estejam visivelmente feridos (Azin & Holz, 1966). Nesses casos, os ferimentos servem como discriminativos para o cuidador, gerando reforçadores para o ferido. Dessa forma, qualquer resposta que produza em si mesmo os ferimentos, também tenderá a ser reforçada. Isso ocorreria especialmente nos casos em que a pessoa esteja privada desses reforçadores.

De fato, em estudos sobre comportamento de autoagressão em crianças, a remoção completa de reforçadores positivos sociais (isolamento ou “*time-outs*”) se demonstrou eficiente para reduzir ou eliminar esses comportamentos (MEYER, 1988). Isso indicava que, nesses casos, a autoagressão estivesse sendo mantida por reforçamento positivo. Além disso, a autora cita outros experimentos em que a retirada de demandas como consequência de respostas autolesivas também as fez aumentar de frequência, nesse caso, por reforçamento negativo.

Azrin & Holz (1966) destacam que estímulos aversivos, assim como qualquer outro estímulo, teriam potencial para funcionar como estímulos discriminativos, “indicando” a disponibilidade de estímulos reforçadores. Em muitos casos, um estímulo aversivo simplesmente funciona também como discriminativo para a produção de outros estímulos aversivos: tomar um choque em um fio desencapado facilmente passaria a indicar que novas respostas de tocar o fio produziriam o mesmo resultado desagradável. Por outro lado, em outras condições, eles poderiam passar a funcionar como indicativos da disponibilidade de reforçadores positivos.

Isso se relaciona com descobertas acerca dos poderes discriminativos de estímulos aversivos: mesmo que um estímulo possua, inicialmente, um caráter punitivo, ele ainda tem potencial discriminativo e pode tornar-se um reforçador condicionado (Azrin & Holz, 1961). Em um experimento com pombos, foi montado um esquema de reforçamento de intervalo variável para com alimento como consequência para respostas de bicar um disco plástico. Estabelecida a resposta, todas as emissões passaram a ser conseqüenciadas por um choque – mantendo a produção de alimento por reforçamento de intervalo variável. A taxa de respostas, antes constante ao longo de todo o tempo, passou a ser menor no início e acelerar ao longo da sessão – resultando em cerca de metade do número de respostas em relação à fase anterior.

Depois, foi introduzido um período em que nem os choques nem o alimento eram produzidos. Caracteristicamente, estabeleceram-se padrões distintos de comportamento: em sessões em que as respostas produziam o choque, o responder era contínuo; já nas sessões em que o choque não era produzido pelo responder, o responder cessava rapidamente. A partir daí, constatou-se que o choque, que consequenciava todas as respostas, tornou-se estímulo discriminativo para a disponibilidade de alimento.

Em Azrin (1959) estabeleceu-se um reforçamento intermitente de alta frequência (FR25) para respostas de bicar um disco iluminado - seguida pela exposição de três segundos a grãos. Mais adiante, as respostas passaram a ser consequenciadas também por um choque. Inicialmente, o efeito foi aumentar as pausas pós-reforçamento, mas ao longo da sessão o número de respostas retomava a mesma frequência anterior – algo que o autor chamou de “recuperação”. De forma similar, maiores intensidades de choques pareciam apenas aumentar os intervalos sem resposta de bicar o disco no início das sessões. Em numa intensidade muito alta (120V), o choque foi tão forte que provocou contrações musculares violentas - o pombo passou, ainda, a manter-se afastado do disco durante a pausa pós-reforçamento. Apesar disso, quando se aproximava novamente e começava a responder, bicava todas as 25 vezes em rápida sucessão - mesmo sem quase conseguir manter-se de pé

Mesmo em sessões em que o alimento não mais era produzido, o choque sozinho seguiu mantendo as respostas. O choque, como discriminativo da disponibilidade de alimento, havia se tornado um reforçador positivo condicionado. Alguns observadores que não tinham ciência do histórico animal foram convidados a explicar seu comportamento e recorreram à psicopatologia e à definição de masoquismo (BANACO, ZAMIGNANI, MARTONE *et al.*, 2012, p. 158, 159).

Experimentos realizados com macacos (KELLEHER & MORSE, 1968) e ratos (SIDMAN, 1989/2009) demonstraram resultados semelhantes. Pensando em seres humanos, uma situação análoga é descrita da seguinte forma: uma mulher está casada com um homem de forma a produzir diversos reforçadores em sua presença (BANACO, ZAMIGNANI, MARTONE, *et al.*, 2012, p. 158). Tomemos como exemplo o afeto. Aos poucos, o relacionamento se desenvolve de forma a diminuir a frequência com que o marido dá afeto à esposa: só depois de algumas investidas é que ela consegue a consequência desejada. As rejeições dele, aversivas para a esposa, são toleradas e aos poucos tornam-se mais intensas e agressivas. Culpado, o homem libera o afeto a ela em seguida. Aos poucos, pode ocorrer que,

especialmente em privação, a mulher passe a provocar as agressões do marido – que são (ou foram) contingentes, com alguma frequência, ao afeto.

O que acontece é que a agressão se tornou um discriminativo para o afeto da mesma forma que o choque funcionava como estímulo discriminativo para a disponibilidade de alimento para o pombo. Como resultado, produzir a situação em que o afeto pode ser recebido também se tornou reforçador e, da mesma forma as bicadas do pombo podem passar a serem mantidas apenas pela produção do choque, a mulher pode passar a agir de forma a produzir apenas as agressões do marido. Nesse ponto, pode-se dizer que a mulher passou a gostar de ser agredida.

Entendido de que forma estímulos antes aversivos podem tornar-se reforçadores positivos, restaria ainda determinar quais seriam, no caso de Sacher-Masoch, os reforçadores aos quais os castigos estavam condicionados. Os subtítulos a seguir correspondem a cada classe de estímulos identificadas como reforçadores positivos nos trechos retirados do livro (inseridos no Apêndice) “Sacher-Masoch: o frio e o cruel” de Deleuze (1967/2009) e que se associavam com os comportamentos masoquistas atribuídos a Leopold von Sacher-Masoch.

3.2 Reforçadores sexuais

Os gostos amorosos de Masoch são célebres: brincar de urso ou de bandido; ser caçado, amarrado, sofrer castigos, humilhações e até fortes dores físicas causadas por uma mulher opulenta vestindo peles e empunhando o chicote; fantasiar-se de serviçal, juntar fetiches e disfarces; colocar anúncios classificados, assinar “contrato” com a mulher amada e, se preciso for, prostituí-la. (DELEUZE, 1967/2009, p. 6, 7)

Muito do que se sabe sobre a vida pessoal de Sacher-Masoch vem de relatos de sua primeira mulher e de seu secretário: ambos publicaram livros que abordam as aventuras eróticas do autor. Só a partir daí, confirmou-se que além da volúpia característica em suas obras, ele mesmo mantinha relacionamentos sadomasoquistas em seu cotidiano.

Leopold von Sacher-Masoch viveu e escreveu precisamente durante a Era Vitoriana: período de forte repressão cultural no século XIX em que a sexualidade fora “encerrada e confiscada” (FOUCAULT, 1976/2006). Em outras palavras, constituiu-se um período no qual a punição fora amplamente usada como forma de controle de comportamentos sexuais e, conseqüentemente, a privação sexual era alta.

O contato sexual se constituiu como um reforçador de enorme valor para nós na medida em que espécies cujos indivíduos que tinham tendências maiores a procriação tiveram maiores

chances de sobrevivência (SKINNER, 1972). Nesse sentido, respostas que produzam reforçadores sexuais têm forte tendência a aumentarem de frequência.

No trecho a seguir, Skinner (1953/2003, p. 400) aponta que comportamentos masoquistas possam surgir justamente como consequência da aplicação de procedimentos punitivos para respostas sexuais:

Outra explicação possível da auto-estimulação masoquista é que o processo de condicionamento respondente foi eficaz na direção errada. Na punição os estímulos aversivos foram emparelhados com as conseqüências fortemente reforçadoras do, digamos, comportamento sexual. O resultado esperado é que o comportamento sexual venha auto-maticamente a gerar estímulos aversivos condicionados – *mas os estímulos aversivos usados na punição podem vir a se tornar positivamente reforçadores no mesmo processo.* (SKINNER, 1953/2003, p. 400)

Isso significa que se, por exemplo, uma surra é usada consistentemente como forma de buscar suprimir os comportamentos sexuais de um indivíduo, ao mesmo tempo que os comportamento sexuais passarão a gerar estímulos aversivos condicionados, as próprias surras poderão eliciar respondentes sexuais condicionados. Isso significa que os castigos e humilhações que vieram a produzir excitação sexual em Sacher-Masoch podem ter sido, pelo menos inicialmente, os utilizados por sua comunidade para punir seus comportamentos eróticos.

Desde que o valor reforçador positivo do contato sexual seja superior ao valor reforçador negativo dos estímulos associados a respostas concorrentes de fuga e esquiva – ou seja, que interrompam/impeçam o contato sexual – a resposta sexual ocorrerá mesmo com a introdução da estimulação aversiva. Pela recorrência do comportamento, somos obrigados a entender que, pelo menos diante de antecedentes específicos como privação, o valor reforçador positivo se sobrepõe ao valor punitivo.

Segundo Skinner (1953/2003):

A auto-estimulação [aversiva] ficará explicada quando se puder demonstrar que o indivíduo evita assim conseqüências ainda mais aversivas. Se um estímulo aversivo condicionado precede caracteristicamente o incondicionado, de um intervalo de tempo apreciável, o efeito total do estímulo condicionado prolongado pode ser mais aversivo que o breve estímulo incondicionado. O indivíduo pode assim fugir da ansiedade da punição iminente, “resolvendo de uma vez”. (SKINNER, 1953/2003, p. 400)

Dessa forma, a autoestimulação aversiva se configuraria como uma forma de fuga/esquiva de um outro estímulo ainda mais aversivo ou cuja exposição prolongada é, no total mais aversiva. No caso de um indivíduo que confessa um pecado ou crime, ele pode, ao adiantar

sua punição que, pelo menos no passado, foi inevitável, estar eliminando ou reduzindo os estímulos aversivos condicionados que a precedem – como a culpa.

Em “se uma dada resposta for seguida por um estímulo aversivo, qualquer estimulação que acompanhe a resposta, originando-se do próprio comportamento ou de circunstâncias concomitantes, será condicionada” (SKINNER, 1953/2003, p. 206), a culpa corresponderia aos estímulos do próprio comportamento do sujeito que passaram a ter a função de reforçadores negativos.

Com isso em mente, é possível pensar que, para Sacher-Masoch, as punições constantes a que se submetia durante o ato sexual podiam ter a função de amenizar a culpa que estava sendo constantemente gerada pelo próprio sexo (comportamento punido no passado). O masoquismo, portanto, talvez tenha se tornado uma forma de acessar os reforçadores sexuais reduzindo a estimulação aversiva característica da “culpa”. Se a história de Masoch fizesse com ele passasse a evitar formas mais diretas de contato sexual e se limitasse ao uso de castigos, ficaria explicado o que Deleuze (1967/2009) chamou de “dessexualização” – algo que para análise do comportamento pode ser entendido como: gerar estimulação sexual exclusivamente através de estímulos condicionados; evitando comportamentos sexuais que foram diretamente punidos.

Outro aspecto curioso é que a “ameaça de castigo” também parece ter se configurado como um reforçador positivo condicionado que anuncia iminência de outro reforçador positivo, nesse caso, o castigo. Em “Masoch, com pesadas tapeçarias, entulhamento íntimo, boudoirs e quartos de vestir, fazem reinar um claro-escuro em que se destacam apenas os gestos e os sofrimentos em suspense.” (DELEUZE, 1967/2009, p. 27) e “As mulheres só são perturbadoras quando se confundem com estátuas frias sob o luar ou com quadros ensombreados” (DELEUZE, 1967/2009, p. 56) o “suspense” criado pelos gestos e pela postura estática que precede a chicotada parece funcionar como o que Skinner (1953/2003) chamou de “antecipação”: um estado emocional agradável em estabelecido após apresentação de um reforçador positivo. Algo equivalente aos estados emocionais de ansiedade estabelecidos com a apresentação de estímulo aversivo contingente a um outro estímulo aversivo iminente.

Por fim, a partir do seguinte trecho, podemos pensar como a privação sexual pode ter afetado três comportamentos distintos de Masoch:

É característico de homens sobre forte privação sexual não apenas entregarem-se a comportamento sexual tão logo se apresente a ocasião ou se dedicarem à produção ou fruição da arte sexual, ou se empenharem em auto-

estimulação sexual, mas também verem objetos ou atividades sexuais na ausência de estímulos relevantes. (SKINNER, 1953/2003, p. 298)

Logo, a privação culturalmente imposta pode ter tornado mais provável que Sacher-Masoch 1) emitisse comportamentos sexuais mesmo que isso fosse aversivo em alguma medida, 2) se engajasse na produção e consumo de artes com esse tema e 3) visse imagens sexuais mesmo na ausência de estímulos desse tipo. A partir disso, é possível entender como o ambiente em que Leopold viveu favorecia tanto seus comportamentos masoquistas, quanto suas produções literárias e fantasias. Ele próprio justificava suas fantasias como uma forma de escapar da realidade, indicando que o contexto em que vivia devesse de fato ser bastante aversivo – algo que será retomado no subtítulo seguinte.

3.3 Dano

Séverin, o herói de *A Vênus das Peles*, se diz curado; ele chicoteia e tortura as mulheres, e se quer “martelo” em vez de “bigorna”. [...] O sadismo de Séverin é uma conclusão: parece que, de tanto expiar e satisfazer a necessidade de expiação, o herói masoquista aceita, finalmente, fazer o que as punições deviam impedir. Expostos, os sofrimentos e os castigos tornam possível o exercício do mal que deviam proibir. (DELEUZE, 1967/2009, p. 30)

Neste trecho, Deleuze (1967/2009) traz o desfecho de um dos personagens mais icônicos dentre as obras de Masoch: Séverin. Antes masoquista, ele volta-se ao sadismo afirmando estar “curado”. O autor também aponta que as punições e castigos aplicados ao personagem eram os responsáveis por controlar o comportamento sádico do personagem.

A ideia da transformação de masoquismo em sadismo aparece em Freud (1915/1996, p. 9) quando afirma que o masoquismo nada mais é do que um sadismo voltado contra o próprio “Eu”. Em Skinner (1953/2003, p. 394), o sadismo é trazido como exemplo extremo de ira - um padrão emocional que surge a partir de forte estimulação aversiva, e acompanha uma tendência para agir de forma agressiva. Respostas que no passado produziram dano tem probabilidade aumentada de ocorrerem quando se está irado ou raivoso. Isso deve ter origem filogenética, já que eliminar uma ameaça ou contra-atacar deve ter produzido vantagens na história evolutiva da espécie.

Azrin, Hutchinson & Mclaughlin (1965) delinearam um experimento com macacos-de-cheiro em que lhes era apresentada uma bola (ou forma de acesso a ela) em contextos variados. Em contextos sem estimulação aversiva, os macacos tiveram pouca ou nenhuma interação com a bola. Entretanto, imediatamente após a aplicação de choques em suas caudas, passavam a

atacá-la. Quando a apresentação da bola esteve condicionada à resposta de puxar uma corrente, os macacos, depois do choque, também passaram a puxar a corrente antes de atacar a bola.

Este experimento aponta para o aparecimento uma operação motivadora associada à raiva que aumenta o valor reforçador do dano diante de estimulação aversiva – mesmo quando a agressão não afeta diretamente o estímulo aversivo. Outros trabalhos indicaram que outras formas de estimulação aversiva também podem estabelecer a mesma operação motivadora, como beliscões (AZRIN & HAKE, 1965) e até extinção de respostas (AZRIN, HUTCHINSON & HAKE, 1966).

De fato, parece não ter faltado estimulação aversiva para Masoch. Além das repressões importas culturalmente durante Era Vitoriana e dos castigos a que submetia, Deleuze (1967/2009) conta que outras formas de estimulação aversiva estiveram presentes na vida de Sacher-Masoch e seus contemporâneos:

Os antepassados [de Sacher-Masoch] foram funcionários do Império Austro-Húngaro. O pai era chefe de polícia de Lemberg. As cenas de motins e de prisão que presenciou quando criança o marcaram profundamente. Sua obra inteira permaneceu influenciada por problemas de minorias, nacionalismos e movimentos revolucionários no império (DELEUZE, 1967/2009, p. 5).

Em primeiro momento, quando se pensa em raiva e em uma operação emocional que estabelece o dano como reforçador, pensa-se no sendo causado a outros organismos ou objetos. A própria produção e consumo de artes que retratam o dano e a violência, de forma similar aos que estabelece a privação sexual, Naturalmente, provocar danos a si mesmo produz consequências aversivas imediatas e, portanto, atacar o que está ao redor seria o mais provável. Em contrapartida, se esse indivíduo estiver inserido em uma comunidade, seus ataques provavelmente acabarão prejudicando essa comunidade, que tenderá a puni-lo.

Gluck & Sackett (1974) investigaram os fatores que contribuíam para o surgimento de comportamentos de autoagressão em macacos-rhesus. Foram registradas as respostas de puxar os próprios pelos, bater a própria cabeça, se estapear e se morder em contextos com e sem extinção de alimento. De fato, de forma similar à agressão ao outro, a extinção fez aumentar a frequência de respostas de autoagressão, mas somente para os macacos criados em isolamento. Macacos “socializados”, além de mostrarem poucas respostas de autoagressão durante as linhas de base, não sofreram qualquer variação no número de respostas de autoagressão após a extinção de alimento.

Os autores sugerem que o histórico social limitado dos macacos isolados impediu que respostas de agressão ao outro fossem estabelecidas e contracontroladas. Ainda assim, podemos

pensar que se outros fatores limitassem respostas de dano ao outro, como a punição desses comportamentos, resultados similares poderiam ser atingidos.

Dessa forma, uma comunidade particularmente repreensiva poderia estabelecer contingências punitivas para a agressão do outro de forma que produzir dano a si mesmo seja uma das únicas formas viáveis de obter esse reforçador positivo – que seria frequentemente buscado em caso de poucas outras formas de gerar reforçadores positivos. Isso faria especial sentido se considerando também o conceito de comportamento autoestimulatório: nesses casos, a autoagressão teria a função de fornecer uma estimulação sensorial mínima que o próprio organismo requer naturalmente (MEYER, 1988).

Voltando a Séverin, caso ele voltasse a responder de forma a infligir dano a alguém e não sofresse uma retaliação que reestabelecesse suas respostas de esquiva – por exemplo por agora ter mais poder – ele teria disponível uma outra forma de gerar dano menos aversiva e que, provavelmente, voltaria a ser a forma preferencial de produzir esse reforçador. De fato, o que parece ter sido representado é que as punições – ou mais precisamente os comportamentos de esquiva – não foram mais suficientes para controlar um “exercício do mal” que estava suprimido.

Um detalhe sobre dano produzido a si mesmo é que ele pode ter como particularidade intrínseca a exposição direta do sujeito a estímulos aversivos. Comparando com o caso de dois boxeadores lutando, em que cada soco recebido serve como estabelecedor de respostas de agressão ao outro mantendo ambos num ciclo e violência, a autolesão pode apresentar a característica especial de que o dano produzido em si mesmo pode servir tanto como reforçador positivo, quanto imediatamente como operação emocional para as respostas seguintes de autoagressão gerando, de forma similar, um ciclo de autoagressão.

Excepcionalmente, Masoch parece se utilizar desse fenômeno a seu favor quando “arranca um dente sadio, mas com a condição de que sua mulher, vestida de peles a seu lado, o olhe de forma ameaçadora” (DELEUZE, 2009, p. 58). Ele próprio parece, ao solicitar o olhar ameaçador da esposa, estar estabelecendo a operação emocional que evoca a resposta autolesiva de arrancar o dente.

Pelo que se sabe, apesar de masoquista como Séverin, Sacher-Masoch nunca sofreu uma reviravolta sádica em sua vida. Ainda assim, é interessante analisar as situações que ele definiu para seus próprios personagens nesse sentido. Talvez ele estivesse, em alguma medida, cômico de que seu masoquismo fosse, assim como acreditava Freud, uma forma de sadismo voltado contra si mesmo por conta controle aversivo a que fora submetido.

3.4 Submissão/Controle do outro

Estamos diante de uma vítima [Sacher-Masoch] em busca de um carrasco e que precisa formá-lo, persuadi-lo e a ele se aliar para a mais estranha empreitada. [...] O masoquista precisa formar a mulher déspota. Precisa persuadi-la, fazê-la “assinar”. Ele é essencialmente educador. (DELEUZE, 1967/2009, p. 16)

Fica claro ao longo do livro que Sacher-Masoch parece ter uma afinidade especial pelo controle do comportamento do outro. Seu masoquismo definitivamente não se configura como uma submissão aos desejos sádicos do outro. Na verdade, é executado somente a partir de um planejamento muito preciso do encontro com sua parceira e até mesmo do treinamento dela para que execute as cenas a sua vontade. Isso provavelmente se relaciona com seu próprio gosto pela escrita e pela descrição minuciosa das situações a que submetia seus personagens. Aquele que se dispõe a se relacionar com Sacher-Masoch delega invariavelmente o poder de decisão sobre como se configurará o contexto sexual. Até mesmo as palavras de ordem proferidas pela amante a ele eram previamente instruídas por Masoch. Dessa forma, apesar de masoquista, ele definitivamente não era submisso. Ao contrário, através da persuasão e educação do outro, era ele quem submetia seus parceiros a realizar suas próprias vontades.

Skinner (1953/2003) aborda esse assunto em: “Outro reforçador generalizado é a submissão de outros. Quando alguém foi coagido a fornecer vários reforços, qualquer indicação de sua aquiescência vem a se tornar um reforçador generalizado” (p. 88). A submissão, portanto, tende a ser um reforçador poderoso na medida em que dá ao sujeito acesso a diversos outros reforçadores (positivos e negativos). De fato, ao mesmo tempo que buscava em uma mulher que pudesse tortura-lo, Leopold também buscava por traços de gentileza e doçura que talvez estivesse relacionados a possibilidade de submetê-las.

Ao contrário, buscava mulheres com algum traço de crueldade, mas que fossem gentis:

“Lola”, que gosta de torturar os animais e deseja assistir ou até participar de execuções: “Apesar dos seus gostos tão peculiares, essa moça não era brutal nem excêntrica; sendo, pelo contrário, razoável, meiga, e parecendo inclusive tão terna e delicada quanto uma sentimental”. (DELEUZE, 1967/2009, p. 41)

Esses talvez fossem indícios de que elas poderiam ser educadas para realizar suas fantasias e nunca ultrapassariam seus limites. Sua própria esposa Wanda relatou ter dificuldades, no início do relacionamento, para conseguir aplicar os castigos nele. Também se espantou quando ele não se interessou por uma amiga sua que era sádica.

Deleuze (1967/2009, p. 32) aponta que o masoquista, por conta da afinidade pelo “controle”, torna-se incompatível com um parceiro sádico na medida em que o sádico teria, como ele, uma tendência de tomar controle da situação e realizar suas próprias vontades.

Acerca dos reforçadores negativos envolvidos na submissão do outro, o comportamento excessivamente “controlador” de Masoch indica que existiam estímulos aversivos específicos que ele evitava ao planejar cautelosamente seus relacionamentos amorosos. Entre eles, muito provavelmente os que puniram seus comportamentos sexuais no passado. Como discutido no subtítulo “3.2 Reforçadores sexuais”, é provável que Sacher-Masoch, durante o próprio ato sexual, estivesse constantemente fugindo e se esquivando de sentimentos de culpa. Dessa forma, um planejamento cuidadoso das cenas pode ter sido uma forma de viabilizar uma situação que fosse prazerosa para si, mas que não fosse contaminada por sentimentos de pecado. Nesse sentido, ele parece de fato parece estar sempre buscando a “dessexualização” dos conteúdos de sua vida erótica e da sua obra.

O trecho “[...] Masoch pode apresentar em tons cor-de-rosa uma grande parte da sua obra, justificando o masoquismo pelas mais diversas motivações ou por exigência de situações fatais e dilacerantes”. (DELEUZE, 1967/2009, p. 19). Aqui, Deleuze (1967/2009) conta que Leopold em suas obras justificava que seus personagens se entregassem ao sofrimento ou à degradação em nome de um bem maior ou por questões de vida ou morte: “para salvar a sua cidade, uma patriota entrega aos turcos o próprio marido como escravo e a si mesma ao paxá”; ou então por conta de tradições regionais: “segundo um velho costume, no calor de um banquete, homens bebem nos sapatos das mulheres”. A dessexualização, nesse caso, se caracterizaria pela evitação constante em indica que seus personagens sofressem como forma de prazer sexual.

Sidman (1989/2009, p. 95) ressalta que apesar de condenarmos indivíduos que buscam prazer sexual na dor, quando formas auto sacrifício acabam beneficiando a comunidade (como é o caso de soldados em um exército) eles costumam ser condecorados - e é a isso que Masoch recorre como forma de esquiva. Através da representação atos heroicos, Masoch “camufla” para sua comunidade – talvez para si mesmo – o que Deleuze (1967/2009, p. 19) chamou de “ganho secundário” propriamente masoquista: o prazer sexual implícito nos atos de sacrifício.

Mesmo uma de suas tradutoras pareceu abstraída do lado sexual de sua obra ao descrevê-lo como “moralista severo” sem qualquer menção ao conteúdo sexual que permeava seus livros (DELEUZE, 1967/2009, p. 5).

3.5 Prestígio

“Masoch foi um autor célebre e honrado, que fez uma viagem triunfante a Paris em 1886, foi condecorado e homenageado pelo jornal *Le Figaro* e pela *Revue des Deux Mondes*.” (DELEUZE, 1967, 2009, p. 6)

Nobre, acadêmico e escritor, não é difícil imaginar que o prestígio social tenha se tornado e mantido como um reforçador para Masoch e, pelo menos, parte do que explica suas produções literárias. Segundo Ferraz (2008), quando começou a escrever sua primeira série de livros “O legado de Caim” já sonhava com a fama.

O cunho erótico de suas obras deve ter sido um grande atrativo para seu público na medida em que eles também sofriam das privações sexuais impostas culturalmente que, como já discutido, tornariam quaisquer estímulos sexuais muito valorizados. De fato, apesar de ter produzido uma série de textos de cunho histórico, suas ficções eróticas são os trabalhos pelos quais foi mais reconhecido e o sadomasoquismo o seu destaque dentre os demais autores. No trecho a seguir, Sacher-Masoch descreve a inspiração para suas obras:

“[...] todos os meus romances, quando não tratam de um assunto histórico, nasceram de minha vida, banharam-se no sangue do meu coração. Que me compreendam bem, não fiz romances, a partir dos diversos capítulos de minha biografia, isto estaria bem longe da arte, mas em cada uma de minhas narrativas há um nervo que é meu, há motivos que são extraídos de minha vida. Mesmo quando a fábula é inteiramente inventada, não é o caso dos caracteres, não é o caso das cenas e dos detalhes. Na minha obra a pintura é sempre propriedade do poeta, mas a tela em que nasceu assim como sua impressão pertencem à minha pessoa, à minha vida.” (SACHER-MASOCH, 1895, *apud* FRANÇA & MACHADO, 2012)

Leopold utilizava, portanto, suas próprias vivências como base para desenvolver suas ficções - o que indica que sua habilidade para escrever esteve muito associada com a sua capacidade de tatear sentimentos e as situações em que estava inserido. Isso significa que, se a fama e o prestígio estiveram tão ligados às suas produções sensuais, vivências pessoais que viabilizassem novas produções se tornariam ainda mais reforçadoras. Em outras palavras, seus encontros masoquistas eram reforçadores não só porque geravam estimulação sexual, mas porque serviam como antecedentes para seu próprio comportamento de escrever e, portanto, para a produção do prestígio social.

Além dos conteúdos eróticos, a violência é um tema muito presente em seus textos, especialmente, mas não exclusivamente, ligados ao sexo. De forma similar ao que acontece com a privação sexual, a produção e consumo de artes ligadas à violência e à produção de dano provavelmente se tornariam reforçadoras diante da estimulação aversiva – por razões abordadas

no subtítulo “3.3 Dano”. É possível que, por estarem submetidos a condições parecidas de repressão e guerra, seus leitores também poderiam ter preferência por textos violentos e tenham modelado os próprios comportamentos sexuais de Sacher-Masoch em direção a uma sexualidade mais agressiva.

4 CONCLUSÕES

Neste trabalho, algumas explicações para o surgimento e mantimento de comportamentos masoquistas foram apresentadas a partir de conceitos que, em última instância, foram formulados através de experimentos científicos.

4.1 Definição de masoquismo

O masoquismo aqui foi entendido como uma forma particular de autoestimulação aversiva que envolve necessariamente uma associação com estímulos sexuais. É uma das conclusões dessa pesquisa que, quando se busca utilizar definições mais amplas da relação entre a “dores” e “prazeres” de qualquer tipo, recomenda-se a utilização dos termos autoagressão ou autoestimulação aversiva. Concordando com Sidman (1989/2009, p. 90), o termo “masoquismo” deve se limitar, portanto, aos casos em que haja envolvimento pelo menos parcial de reforçadores sexuais – como fora apontado pela própria definição original. Um exemplo que justifique essa distinção é o do auto sacrifício trazido pelo próprio Sidman (1989/2009, p. 95). Um soldado protegendo, com seu próprio corpo, um civil dos estilhaços de uma granada, seja por evitar um cenário ainda pior ou para gerar admiração, preenche todas as definições de autoestimulação aversiva, mas dificilmente seria chamado de masoquista.

4.2 O peso moral do masoquismo

Se Krafft-Ebbing (1886) deu um primeiro passo em destituir o caráter imoral das perversões e Freud posteriormente atribuiu ao masoquismo um caráter essencialmente humano, a análise do comportamento também avança em retirar o peso moral do masoquismo caracterizá-lo como um operante que tem origem nas relações que o ambiente do indivíduo estabeleceu com ele. Isso é dizer que, por mais estranho que os fetiches, as fantasias e o masoquismo possam parecer, esses comportamentos poderão ser explicados pela análise das contingências presentes na história de vida de um indivíduo, incluindo suas relações com sua cultura, e por suas raízes filogenéticas (BANACO, ZAMIGNANI, MARTONE *et al.*, 2012, p. 92). Combate-se, assim, a ideia de que o masoquismo se configura como um fenômeno que “desafia uma lógica toda utilitarista ou biológica” (Ferraz, 2008). Tratar qualquer tipo de comportamento como distúrbio ou anormalidade é ignorar que ele segue as mesmas regras de qualquer outro comportamento considerado correto ou moral.

4.3 Contingências comuns para o surgimento do masoquismo

Como é o caso de diversos dos comportamentos indesejados, o próprio controle coercitivo amplamente utilizado por uma comunidade parece se configurar como o principal ingrediente para o surgimento de comportamentos masoquistas. A consequenciação sistemática da punição para comportamentos sexuais realizada pelos membros sobre um indivíduo parece ser exatamente o que pode transformar a coerção numa forma de prazer sexual. Como em outros comportamentos, relações adicionais de reforçamento (positivo ou negativo) podem se somar aumentando ainda mais a probabilidade de uma classe de resposta.

Parece esperado que, em uma sociedade em que a estimulação aversiva seja usada constantemente, muitos dos estímulos discriminativos, mesmo para reforçadores positivos, tenham sido estímulos aversivos inicialmente. Da mesma forma que Sacher-Masoch solicitou que sua amante o olhasse de forma ameaçadora para que ele conseguisse arrancar um dente, um esportista pode buscar um treinador que o xingue e o humilhe de forma a fazê-lo se empenhar mais. Não devemos, entretanto, tomar estes como exemplos de que o controle aversivo tem vantagens.

Como destacaram Azrin & Holz (1966), estímulos punitivos podem se tornar discriminativos para reforçadores positivos, mas essa é uma propriedade de qualquer estímulo. Podemos pensar que o controle aversivo pode funcionar **apesar** de seus efeitos indesejáveis. No primeiro experimento com pombos apresentado (AZRIN & HOLZ, 1961), a introdução do choque fez diminuir o número de respostas pela metade, muito provavelmente pelos operantes emocionais seguidos por cada choque. Mesmo no exemplo do esportista, apesar de o bom desempenho ter se condicionado ao treinador agressivo, é possível que a mesma coisa ocorresse com diversos outros estímulos não-aversivos. Um treinador atento e compreensivo, por exemplo, poderia assumir essa função sem trazer as consequências indesejáveis do controle aversivo - como o esportista se esquivar do treino quando sente que não se desempenhará tão bem.

Conclui-se, através dos resultados de ambos os experimentos com pombos apresentados (AZRIN, 1959 e AZRIN & HOLZ, 1961), que é necessário que o estímulo punidor seja apresentado com intensidade e frequência não muito altos para que ele possa se estabelecer como estímulo discriminativo. Caso contrário, é possível que haja dificuldades em estabelecer a resposta ou então talvez ela nunca mais ocorra. Isso significa que o estabelecimento dos

castigos que vieram a se tornar reforçadores positivos para Sacher-Masoch deve ter sido feito gradualmente. De fato, Masoch demonstrou ter, ele próprio, intensificado as torturas a qual se submetia ao longo de sua vida.

Se o masoquismo é, portanto, um comportamento fundado sobre práticas coercitivas e que traz tantas consequências negativas principalmente para o sujeito que os emite, que sugestões a análise do comportamento pode oferecer para resolver o problema?

A melhor forma de combater o próprio surgimento de comportamentos indesejáveis seria, claro, através do uso do controle por reforçamento positivo. O controle por reforçamento positivo, além de ser mais agradável para o indivíduo submetido a ele e oferecer maior previsibilidade para quem controla, evita as consequências indesejáveis do controle aversivo como fuga, esquiva, contracontrole e estados emocionais disruptivos como medo, ansiedade, depressão, ira e raiva.

Mudar a forma como a sociedade como um todo funciona não é tarefa fácil, portanto seria útil discutir algumas soluções mais imediatas para o comportamento masoquista. Em análise do comportamento, uma intervenção se resume a modificação de circunstâncias. A forma mais direta de enfraquecer comportamentos indesejáveis é a extinção: deixar de apresentar reforçadores para os comportamentos indesejados e apresentá-los para comportamentos que beneficiarão tanto o indivíduo como a sua comunidade. Isso incluiria tanto reforçadores positivos, como atenção ou cuidado, quanto reforçadores negativos como o livramento de uma tarefa.

Uma segunda forma mais indireta de enfraquecer um comportamento é fortalecendo comportamentos que concorram com o primeiro. Pensando no caso em que lesões são apresentadas como consequência de mandos verbais a um parceiro sexual que solicitam a tortura, o parceiro deveria passar a oferecer reforçadores sexuais (de preferência cada vez menos lesivos) para outros tipos de resposta verbal. Quanto maior se torna a frequência de uma resposta verbal, automaticamente, menor se torna frequência de outras. Se feito de forma correta, é provável que com o passar do tempo comportamentos menos agressivos passassem a substituir a autoestimulação aversiva.

Um caso como o de Sacher-Masoch, em que o histórico de punição deixara marcas profundas em seu repertório, seria de difícil tratamento. Além do número altíssimo de estímulos aversivos que deveriam ter suas funções transformadas, seria difícil fazer com que tanto seus parceiros sexuais quando seu público literário parassem de fornecer reforçadores para seus comportamentos masoquistas e passassem a reforçar práticas sexuais menos danosas.

Deveriam ser interrompidos tanto os reforçadores positivos (como os sexuais e o prestígio), quanto os negativos – mais precisamente os que faziam Masoch se esquivar de outras formas de contato sexual.

Ressalto que o objetivo deste estudo nunca foi oferecer qualquer tipo de prova sobre a forma como se originam comportamentos masoquistas ou definir exatamente quais foram as contingências presentes na vida de Sacher-Masoch. Buscou-se apenas apontar formas pelas quais alguns de seus comportamentos poderiam ser interpretados sem recorrer a explicações abstratas e não verificáveis. Como uma abordagem fundamentalmente experimental, estudos aplicados seriam necessários para analisar se casos concretos de masoquismo podem ser inteiramente explicados pelos conceitos já desenvolvidos pela análise do comportamento ou se novos experimentos precisariam ser delineados para compreender esse fenômeno.

Em geral, descrições funcionais do comportamento se configuram como o tipo de dado ideal para o trabalho em análise do comportamento. Ainda assim, é importante reconhecer que a perspectiva de pessoas de fora (como Freud e Deleuze) pode oferecer informações úteis às quais nós, mesmo através de uma observação experimental, poderíamos não perceber.

A noção de que o comportamento auto lesivo pudesse ter relação com a “culpa” foi indicada por Freud (1915/1996) e abordada tanto neste trabalho quanto por Skinner (1953/2003, p. 399-400) ao falar de autoestimulação aversiva. A ideia de investigar se o dano produzido a si mesmo poderia se configurar como reforçador positivo também foi inspirado no conceito de sadomasoquismo freudiano e nos comentários de Deleuze (1967/2009).

Contribuições de outra área do conhecimento podem, em resumo, ser feitas, mas são limitadas, na medida em que os estímulos que controlam o comportamento estão ausentes ou pouco claros nas descrições. Na ausência de materiais em análise do comportamento, recorrer a textos de um outro campo do conhecimento indicou ser um caminho válido para iniciar uma construção de hipóteses.

REFERÊNCIAS

- AZRIN, N. H. Punishment and recovery during fixed-ratio performance. **Journal of the Experimental Analysis of Behavior**, v. 2, n. 4, p. 301-305, Anna, 1959. DOI: 10.1901/jeab.1959.2-301. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1403914/>.
- AZRIN, N. H.; HOLZ, W. C. Punishment. **Operant behavior: Areas of research and application**, Editado por , p. 380-447. Editado por HONIG, W. K., Englewood Cliffs, 1966.
- AZRIN, N. H.; HAKE, D. F.; HUTCHINSON, R. R. Elicitation of aggression by a physical blow. **Journal of the Experimental Analysis of Behavior**, v. 8, n. 1, 55-57, Anna, 1965. DOI: 10.1901/jeab.1965.8-55. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1338359/>.
- AZRIN, N. H.; HUTCHINSON, R. R.; HAKE, D. F. (1966). Extinction-induced aggression. **Journal of the Experimental Analysis of Behavior**, v. 9, n. 3, 191-204, Anna, 1966. DOI: 10.1901/jeab.1966.9-191. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1338359/>.
- AZRIN, N. H.; HUTCHINSON, R. R.; MCLAUGHLIN, R. The opportunity for aggression as an operant reinforcer during aversive stimulation. **Journal of the Experimental Analyses of Behavior**, v. 8, n. 3, 171-180, Anna, 1965. DOI: 10.1901/jeab.1965.8-171. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1338385/>.
- BANACO, R. A.; ZAMIGNANI, D. R.; MARTONE R. C. *et al.* Psicopatologia. In: HUBNER, M. M. C. **Fundamentos de Psicologia: Temas Clássicos de Psicologia Sob a Ótica da Análise do Comportamento**, Rio de Janeiro, p. 154-166, 2012.
- CARRARA, K. **Behaviorismo Radical: Crítica e metacrítica**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- DELEUZE, G. (1967) **Sacher-Masoch: o frio e o cruel**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. Edição do Kindle.
- FERRAZ, F. C. Introdução. In: SACHER-MASOCH, L. V. **A Vênus das peles**, São Paulo: Hedra, 2008.
- FOUCAULT, M. (1976) **História da sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2006
- FRANÇA, C. P.; MACHADO, J. S. Afinal, quem foi Sacher-Masoch? **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.** v. 15, n. 2, p. 419-434, 2012.
- FREUD, S. (1915) O problema econômico do masoquismo. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. 19, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1924) Os instintos e suas vicissitudes. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. 14, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GLUCK, J. P.; SACKETT, G. P. Frustration and self-aggression in social isolate rhesus monkeys. **Journal of Abnormal Psychology**, v. 83, n. 3, p. 331–334, 1974. DOI: 10.1037/h0036584. Disponível em:

HOLZ, W. C.; AZRIN N. H. Discriminative properties of punishment. **Journal of the Experimental Analysis of Behavior**, v. 4, n. 3, p. 225-232, Anna, 1961. DOI: 10.1901/jeab.1961.4-225. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1404077/>

KRAFFT-EBING, R. (1886). **Psychopathia Sexualis: as histórias de caso**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. (1961) **Vocabulário da psicanálise**, 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2016.

MEYER, S. B. (1987) **Auto-agressão: estudo descritivo de relações funcionais**. São Paulo, 1988

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados a Saúde: CID-10**, v. 2, São Paulo: Edusp, 1994

PEREIRA, M.E.C. Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 379-386, jun. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142009000200011>

SIDMAN, M. (1989). **Coerção e Suas Implicações**, Livro Pleno, 2009.

SKINNER, B. F. (1953). **Ciência e Comportamento Humano**, 11. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SKINNER, B. F. (1974). **Sobre o behaviorismo**, 10 ed., São Paulo: Cultrix, 2006.

TOURINHO, E. Z. **Subjetividade e relações comportamentais**, Belém: Departamento de Psicologia Experimental da Universidade Federal do Pará, 2006.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Lista de comportamentos identificados ligados ao masoquismo identificados e classificação das funções envolvidas

Trecho	Tipo(s) de Reforçador(es)
<p>“Masoch foi um autor célebre e honrado, que fez uma viagem triunfante a Paris em 1886, foi condecorado e homenageado pelo jornal Le Figaro e pela Revue des Deux Mondes.”</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 6). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>PRESTÍGIO</p>
<p>Os gostos amorosos de Masoch são célebres: brincar de urso ou de bandido; ser caçado, amarrado, sofrer castigos, humilhações e até fortes dores físicas causadas por uma mulher opulenta vestindo peles e empunhando o chicote; fantasiar-se de serviçal, juntar fetiches e disfarces; colocar anúncios classificados, assinar “contrato” com a mulher amada e, se preciso for, prostituí-la.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 6). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>SEXUAL(CASTIGOS)/DANO</p>

Em Sade e em Masoch, as palavras de ordem são abundantes, proferidas pelo libertino cruel ou pela mulher despótica, assim como as descrições [...] Parece que, tanto para Masoch quanto para Sade, a linguagem adquire seu pleno valor agindo diretamente sobre a sensualidade.

Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 13). Zahar. Edição do Kindle.

SEXUAL/CONTROLE

Em Masoch, tanto em sua vida como em sua obra, é preciso que os casos amorosos sejam desencadeados por cartas anônimas ou pseudônimos e anúncios classificados; é preciso que sejam regulamentados por contratos que os formalizem, que os verbalizem; e as coisas devem ser ditas, prometidas, anunciadas, cuidadosamente descritas antes de se realizarem.

Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 13). Zahar. Edição do Kindle.

CONTROLE(ESQUIVA)/SEXUAL

<p>Estamos diante de uma vítima [o masoquista] em busca de um carrasco e que precisa formá-lo, persuadi-lo e a ele se aliar para a mais estranha empreitada. [...] O masoquista precisa formar a mulher déspota. Precisa persuadi-la, fazê-la “assinar”. Ele é essencialmente educador.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 15). Zahar. Edição do Kindle.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 16). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>SUBMISSÃO/CONTROLE</p>
<p>o herói masoquista parece educado, formado pela mulher autoritária, porém mais profundamente é ele que a forma e a traveste, soprando-lhe também as palavras duras que deve dizer.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 17). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>SUBMISSÃO/CONTROLE</p>

É bem verdade que a literatura pornológica se propõe antes de tudo a colocar a linguagem em relação com o seu próprio limite, com uma espécie de “não linguagem” (a violência que não fala, o erotismo de que não se fala). Mas ela só pode realizar realmente essa tarefa com um desdobramento interior da linguagem: é preciso que a linguagem imperativa e descritiva se supere, indo a uma função mais elevada. É preciso que o elemento pessoal se reflita e passe para o impessoal.

Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 17). Zahar. Edição do Kindle.

SEXUAL(ARTE)

em Masoch, ela [a função imperativa e descritiva da linguagem] se supera também, indo a uma função dialética, mítica e persuasiva.

Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 18). Zahar. Edição do Kindle.

SEXUAL(ARTE)

Em inúmeras das suas novelas, foi fácil para Masoch fazer com que as fantasias masoquistas passassem por costumes nacionais e folclóricos, ou brincadeiras inocentes de crianças, ou jogos de linguagem de mulheres que amam, ou ainda exigências morais e patrióticas.

Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 19). Zahar. Edição do Kindle.

SEXUAL(ARTE/ESQUIVA)

<p>Seguindo um velho costume, no calor de um banquete, homens bebem nos sapatos das mulheres (“A pantufa de Safo”)</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 19). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>SEXUAL(HUMILHAÇÃO)</p>
<p>mocinhas pedem a seus apaixonados que se fantasiem de urso ou de cachorro e se deixem atrelar a uma carrocinha (A pescadora de almas)</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 19). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>SEXUAL(HUMILHAÇÃO)</p>
<p>uma mulher apaixonada e travessa finge usar um papel assinado em branco por seu amante (A folha branca)</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 19). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>FALTA CONTEXTO</p>
<p>de forma mais séria e para salvar a sua cidade, uma patriota entrega aos turcos o próprio marido como escravo e a si mesma ao paxá (A Judith de Bialopol)</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 19). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>SEXUAL(CASTIGO/HUMILHAÇÃO)</p>

<p>Acrescente-se que Masoch pode apresentar em tons cor-de-rosa uma grande parte da sua obra, justificando o masoquismo pelas mais diversas motivações ou por exigência de situações fatais e dilacerantes. [...] Por esse motivo, Masoch não foi um autor maldito, mas festejado e homenageado.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (pp. 19-20). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>SEXUAL(ESQUIVA)</p>
<p>As descrições, entretanto, nunca deixam de ser marcadas pela decência. O corpo da mulher-carrasco mantém-se coberto de peles; o da vítima permanece numa estranha indeterminação, rompida somente pelos golpes que recebe.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 20). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>SEXUAL(ESQUIVA)</p>
<p>não se trata, diz ele em A mulher divorciada, de acreditar que o mundo é perfeito, mas, pelo contrário, de “criar asas” e escapar do mundo pelo sonho.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 25). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>SEXUAL(FANTASIA)</p>
<p>Os principais fetiches de Masoch e dos seus heróis são as peles, os sapatos, o próprio chicote, alguns capacetes estranhos com que ele gostava de “enfeitar” as mulheres, as roupas de fantasia em A Vênus das Peles.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 25). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>SEXUAL(CONDICIONADOS)</p>

Não é exagero dizer que ele [Sacher-Masoch] introduziu no romance a arte do suspense como força motriz romanesca em estado puro: não apenas porque os ritos masoquistas de suplício e de sofrimento implicam verdadeiras suspensões físicas (o herói é dependurado, crucificado, suspenso), mas porque a mulher-carrasco assume poses estáticas que a identificam com uma estátua, um retrato ou uma foto. E porque ela suspende o gesto da chicotada ou o de entreabrir o casaco de peles. E porque ela se reflete num espelho que congela seu gesto.

Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 26). Zahar. Edição do Kindle.

SEXUAL(ANTECIPAÇÃO)

É também numa espécie de cascata paralisada que as mesmas cenas, em Masoch, são retomadas em planos diferentes: assim é em A Vênus, no ponto em que a grande cena da mulher-carrasco é sonhada, representada, posta seriamente em ação, distribuída e deslocada para personagens diversos.

Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 26). Zahar. Edição do Kindle.

SEXUAL(ANTECIPAÇÃO)

<p>A função descritiva subsiste, mas a obscenidade é denegada e suspensa, com as descrições de certa forma deslocadas do objeto propriamente para o fetiche, de uma parte do objeto para outra, de uma parte do sujeito para outra.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 27). Zahar. Edição do Kindle.</p>	SEXUAL(ESQUIVA)
<p>Masoch, com pesadas tapeçarias, entulhamento íntimo, boudoirs e quartos de vestir, fazem reinar um claro-escuro em que se destacam apenas os gestos e os sofrimentos em suspense.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 27). Zahar. Edição do Kindle.</p>	SEXUAL(ANTECIPAÇÃO)
<p>Séverin, o herói de A Vênus das Peles, se diz curado; ele chicoteia e tortura as mulheres, e se quer “martelo” em vez de “bigorna”. [...] O sadismo de Séverin é uma conclusão: parece que, de tanto expiar e satisfazer a necessidade de expiação, o herói masoquista aceita, finalmente, fazer o que as punições deviam impedir. Expostos, os sofrimentos e os castigos tornam possível o exercício do mal que deviam proibir.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 30). Zahar. Edição do Kindle.</p>	DANO

<p>Mas um masoquista também não aceitaria um carrasco realmente sádico. Sem dúvida ele precisa, para a mulher-carrasco, que ela tenha algo assim em sua natureza; mas ele quer formar essa “natureza”, educá-la, persuadi-la de acordo com o seu projeto secreto, que fracassaria completamente com uma sádica. Wanda Sacher-Masoch erradamente se espantou ao ver que Sacher-Masoch não se interessava por uma amiga sádica</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 32). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>CONTROLE/SUBMISSÃO/</p>
<p>As heroínas de Masoch têm em comum as formas opulentas e musculosas, o caráter altivo, a vontade imperiosa, uma certa crueldade, mesmo na ternura ou na ingenuidade.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 38). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>SEXUAL(CASTIGO)/SUBMISSÃO</p>
<p>“Que seja princesa ou camponesa, que se vista com pele de arminho ou de carneiro, é sempre essa mulher das peles e do chicote que torna o homem seu escravo. É ela a minha criatura e, ao mesmo tempo, a verdadeira mulher sármata.”</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 38). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>SEXUAL/SUBMISSÃO</p>

<p>“Uma mulher imponente, com ar severo, traços acentuados, olhar frio; nem por isso deixa de acalentar sua pequena ninhada.”</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 41). Zahar. Edição do Kindle.</p>	SEXUAL/SUBMISSÃO
<p>“Como uma indiana ou uma tártara do deserto mongol, Martscha possuía, ao mesmo tempo, o coração meigo de uma pomba e os instintos cruéis da raça felina.”</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 41). Zahar. Edição do Kindle.</p>	SEXUAL/SUBMISSÃO
<p>“Lola”, que gosta de torturar os animais e deseja assistir ou até participar de execuções: “Apesar dos seus gostos tão peculiares, essa moça não era brutal nem excêntrica; sendo, pelo contrário, razoável, meiga, e parecendo inclusive tão terna e delicada quanto uma sentimental.”</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 41). Zahar. Edição do Kindle.</p>	SEXUAL/SUBMISSÃO
<p>Mardonna, meiga e alegre, no entanto severa, fria e hábil em suplícios. “Seu belo rosto estava inflamado de raiva, mas seu olho grande e azul brilhava com doçura.”</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 41). Zahar. Edição do Kindle.</p>	SEXUAL/SUBMISSÃO

<p>Já Vera Baranova é uma enfermeira altiva com o coração gélido, que ternamente fica noiva de um moribundo e acaba também morrendo na neve.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 41). Zahar. Edição do Kindle.</p>	SEXUAL/SUBMISSÃO
<p>“Ao luar”, enfim, entrega-nos o segredo da natureza: a própria natureza é fria, maternal e severa.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 41). Zahar. Edição do Kindle.</p>	SEXUAL/SUBMISSÃO
<p>Na fantasia masoquista, as peles mantêm sua função utilitária: “menos por pudor do que por medo de apanhar um resfriado”... “Em nossos países abstratos do Norte, em nosso mundo cristão gelado, Vênus tem de se esconder num bom casaco de peles se não quiser se resfriar.”</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 43). Zahar. Edição do Kindle.</p>	SEXUAL(ESQUIVA)
<p>As heroínas de Masoch frequentemente espirram. “Corpo de mármore”, “mulher de pedra”, “Vênus de gelo” são as expressões favoritas de Masoch; e seus personagens muitas vezes fazem sua aprendizagem com alguma estátua fria, sob o luar.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 43). Zahar. Edição do Kindle.</p>	SEXUAL(ANTECIPAÇÃO)

<p>Na maior parte dos romances de Masoch, uma cena de caça é minuciosamente descrita: a mulher ideal caça um urso ou um lobo e retira a sua pele.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 49). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>CONTROLE/SEXUAL(CASTIGO)</p>
<p>(em Fonte da juventude, o herói masoquista deixa Elisabeth degolar Gisele, a jovem que ele ama).</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 49). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>DANO/SEXUAL(CASTIGO)</p>
<p>Se acontece de o homem sádico triunfar, como no final da Vênus, é para mostrar que o masoquismo já acabou, e que, pela linguagem de Platão, ele deve fugir ou morrer, sem jamais se unir a seu contrário, o sadismo.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 49). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>DANO(ESQUIVA)</p>
<p>Wanda conta que Masoch a persuadia a arranjar amantes, a responder aos anúncios em classificados e a vender o corpo. Mas ele justificava assim tal desejo: “É uma coisa maravilhosa encontrar em sua própria, honesta e boa mulher volúpias que em geral precisa-se ir buscar nas libertinas.”</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 50). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>SEXUAL/SUBMISSÃO</p>

<p>Ao receber as primeiras cartas de Anatole, Masoch espera intensamente que seja uma mulher. Mas ele tem já uma encenação pronta caso seja um homem: introduzir Wanda na história e, com a cumplicidade do terceiro, fazer com que ela desempenhe as funções heteristas ou sadizantes, mas que as desempenhe como boa mãe.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 54). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>CONTROLE/SEXUAL</p>
<p>É a essa encenação que Anatole, tendo outros projetos, responde com uma encenação inesperada, introduzindo por sua vez seu primo corcunda, encarregado de neutralizar a própria Wanda, contrariando todas as intenções de Masoch...</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 54). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>SUBMISSÃO(ESQUIVA)</p>
<p>É a razão de, nele, os amores terem como fonte a obra de arte. A aprendizagem se faz com mulheres de pedra. As mulheres só são perturbadoras quando se confundem com estátuas frias sob o luar ou com quadros ensombreados.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 56). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>SEXUAL(ANTECIPAÇÃO)</p>

Masoch, pelo contrário, tem todas as razões para acreditar na arte e nas imobilidades e reflexões da cultura. As artes plásticas, como ele as vê, eternizam o sujeito, suspendendo um gesto ou uma atitude. Aquele chicote ou aquela espada que não se abatem, esse casaco de peles que não se abre, esse salto do sapato que não completa a pisada, como se o pintor desistisse do movimento apenas para exprimir uma espera mais profunda, mais próxima das fontes da vida e da morte.

Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 57). Zahar. Edição do Kindle.

SEXUAL(ANTECIPAÇÃO)

O gosto pelas cenas congeladas, como fotografadas, estereotipadas ou pintadas, manifesta-se nos romances de Masoch com a máxima intensidade. Em *A Vênus das Peles*, cabe a um pintor dizer a

Wanda: “Mulher! Deusa! ... Então não sabe o que é amar, consumir-se languidamente em paixão?” E Wanda aparece, com suas peles e chicote, assumindo uma pose em suspenso, como um quadro vivo: “Vou mostrar um outro retrato meu, um retrato que eu mesma pintei, copie ele para mim...” “Copie ele para mim” exprime ao mesmo tempo a severidade da ordem e o reflexo do espelho.

Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 57). Zahar. Edição do Kindle.

SEXUAL(ANTECIPAÇÃO)

<p>Como Masoch, que arranca um dente sadio, mas com a condição de que sua mulher, vestida de peles a seu lado, o olhe de forma ameaçadora.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 58). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>DANO/SEXUAL(CASTIGO)</p>
<p>Nas aventuras reais de Masoch, assim como em seus romances, no caso particular de Masoch tanto quanto na estrutura do masoquismo em geral, o contrato aparece como a forma ideal e a condição necessária da relação amorosa. Um contrato então se estabelece com a mulher-carrasco, renovando a ideia de antigos juristas segundo a qual mesmo a escravidão apoia-se num pacto.</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 61). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>CONTROLE/SUBMISSÃO</p>
<p>Observe-se com relação a isto, nos contratos de Masoch a que nos referimos, a evolução e a precipitação das cláusulas: enquanto um deles mantém a reciprocidade de deveres, o limite de duração, uma reserva de partes inalienáveis (o trabalho, a honradez), o outro confere à mulher maiores direitos em detrimento dos direitos do próprio sujeito, inclusive o direito de nome, de honra e até de vida. (O contrato em questão em A Vênus das Peles muda o nome de Séverin.)</p> <p>Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 61). Zahar. Edição do Kindle.</p>	<p>CONTROLE/SUBMISSÃO</p>

Todos os romances de Masoch o desenvolvem, em figuras variadas: a mulher ideal caça o urso ou o lobo, organiza ou preside uma comunidade agrícola, impõe ao homem um novo nascimento.

Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 76). Zahar. Edição do Kindle.

SEXUAL(CASTIGO)/DANO

A mãe de Deus conta o seguinte: a heroína, Mardonna, preside sua seita, sua comuna, de forma ao mesmo tempo terna, severa e glacial. Há nela muita raiva, ordens para chicotear e lapidar; no entanto, é meiga. A seita inteira, aliás, é suave e alegre, mas severa com o pecado, hostil à desordem. Mardonna tem uma servente, Nimfodora, jovem graciosa e melancólica que faz no próprio braço um corte profundo para que a Mãe de Deus possa se banhar no sangue, bebê-lo e nunca envelhecer. Sabadil ama Mardonna, mas, de outra maneira, ama também Nimfodora. Mardonna se preocupa. Sendo Mãe de Deus, ela exclama: “É o amor da Mãe de Deus que traz a redenção, que constitui um novo nascimento para o homem ... Não consegui modificar tua carne, transformar teu amor carnal em afeição divina ... Para ti sou apenas um juiz.” E quer o consentimento de Sabadil para o seu próprio suplício. Ela o faz ser pregado numa cruz: Nimfodora se encarrega das mãos e ela mesma, dos pés. Mardonna entra em doloroso êxtase e, quando a noite chega, Sabadil representa a Paixão: “Por que me abandonastes?” — e para Nimfodora: “Por que me traíste?” A mãe de Deus coloca seu filho na cruz precisamente para que ele se torne seu filho e goze de um nascimento que se deve apenas a ela.

Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 79). Zahar. Edição do Kindle.

SEXUAL(CASTIGO)/SUBMISSÃO

Em A sereia, Zénobie corta os cabelos de Théofan e exclama: “Afinal consegui fazer de ti um homem.” Em A mulher divorciada, Anna sonha estar à altura de sua missão e chicotear Julian para afinal lhe dizer: “Passaste na prova, és um homem.” Numa belíssima novela, Masoch conta a vida de um Messias do século XVII: Sabattai Zwi. Cabalista e fanático, Sabattai Zwi se mortifica; casa-se com Sara, mas não consuma o casamento, “estarás a meu lado como um doce suplício”. Por ordem dos rabinos, ele a abandona por Hannah. Tudo recomeça. Casa-se finalmente com Miriam, jovem judia polonesa, mas ela toma a dianteira e o proíbe de tocá-la. Apaixonado por Miriam, parte para Constantinopla e tenta convencer o sultão de sua missão de Messias. Cidades inteiras, Salonica, Esmirna e Cairo, se envolvem. Seu nome circula por toda a Europa. Ele entra em intensa luta contra os rabinos e anuncia aos judeus a volta à Judeia. Descontente, a sultana avisa Miriam que mandará matar Sabattai se ele não mudar de atitude. Miriam o leva para se banhar na confluência de três rios, Arda, Tuntcha e Narisso. Como não reconhecer nos três rios e nas três mulheres de Sabattai as três imagens de mãe, em que Miriam, a mãe oral, triunfa? Miriam o faz confessar-se a ela, põe-lhe uma coroa de espinhos e o chicoteia, para afinal consumir o casamento: “Mulher, que fizestes de mim?” “Fiz de ti um homem...”

Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (pp. 79-80). Zahar. Edição do Kindle.

SEXUAL(CASTIGO)

Assim, em várias novelas de Masoch, por exemplo, é o senhor que sofre suplícios durante uma revolta camponesa dirigida por uma mulher da comuna; ela o atrela ao arado ao lado de um boi, ou usa-o como banquinho (Teodora, o banco vivo).

Deleuze, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel (Estéticas) (p. 80). Zahar. Edição do Kindle.

SEXUAL(CASTIGO/HUMILHAÇÃO)